



Isabel Pereira
*O desenvolvimento da ciência
numismática na contemporanidade:
técnicas de apresentação e projectos de
investigação*

Actas de la VIII reunión del Comité Internacional de Museos Monetarios y Bancarios (ICOMON) = Proceedings of the 8th Meeting of the International Committee of Money and Banking Museums (ICOMON), Barcelona, 2001.

*ICOMON. - Barcelona : Museu Nacional d'Art de Catalunya, 2003.
pp.12-22*

Downloaded from: www.icomon.org

O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA NUMISMÁTICA NA CONTEMPORANIDADE: TÉCNICAS DE APRESENTAÇÃO E PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO

Isabel Pereira
Museu de Aveiro

Introdução

No século XIX a ciência Numismática conheceu grande desenvolvimento em Portugal. Aragão preponderou toda em a área científica. Outros estudos, todavia, apareceram. No Porto, em Évora, no Algarve e na Figueira da Foz eminentes investigadores posicionaram-se.

No Porto, a figura pioneira foi João Allen. Da sua colecção enumeraremos as armas, as pinturas, as medalhas, as louças e outras peças (Viana, 1970; Vasconcelos, 1982). O Museu Allen, foi pensado, compilado e organizado respeitando os princípios enciclopedistas, ainda em curso na época. Depois da morte de Allen, em 1848, as colecções do Museu foram adquiridas pela Câmara Municipal do Porto. As moedas formavam, pois, uma secção importante do Museu e foram, por isso, igualmente adquiridas. A colecção numismática forma, hoje, o núcleo central do actual Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto.

Em Évora, o arcebispo D. Fr. Manuel do Cenáculo doou à Biblioteca Nacional de Évora o Museu que fundara, incluindo a valiosa colecção de moedas. Foi, infelizmente, durante o ataque dos invasores, na revolução francesa, saqueada. As espécimes em ouro e prata desapareceram. Salienta-se, na colecção existente, um notável conjunto de numismas, cunhadas nas cidades peninsulares da Ibéria quando da chegada dos Romanos.

No Algarve, Estácio da Veiga, prosseguiu o estudo das estações arqueológicas no sentido de elaborar a respectiva carta arqueológica e de organizar um Museu - «O Museu do Algarve» (Santos, 1997; Pereira, 1999). Nas recolhas efectuadas destaca-se o núcleo das moedas. A formação da colecção está, pois, associada à pesquisa e à investigação arqueológica.

Na Figueira da Foz, Santos Rocha, arqueólogo e pré-historiador, no Museu que fundou em 1894, expôs igualmente uma considerável colecção de moedas. Os princípios expositivos foram os aplicados universalmente: ordenação cronológica, formação de séries completas e, na apresentação, alinhamento impecável das moedas. A incorporação dos numismas diferia, todavia, dos casos anteriormente citados. O núcleo fundamental entrou

por doação efectuada pelo abade de Quinchães, Fortunato Casimiro da Silveira e Gama. Depois, na Figueira da Foz, outras individualidades, aderiram ao projecto e a colecção foi paulatinamente aumentando.

No século XX, apesar das intensas transformações políticas, sociais e culturais, não se alteraram os conceitos até então aplicados à exibição ou à metodologia da investigação. Outros cientistas surgiram, dando a público trabalhos de referência de inestimável valor. Referimo-nos a Batalha Reis e a Damião Peres. Estas duas figuras, ímpares da Numismática Portuguesa, representaram uma corrente que valorizava a investigação erudita, secundarizando o papel da exposição. As colecções foram estudadas e tratadas tendo, como ideia central, a noção de "Gabinete". As peças foram organizadas cronologicamente, em exposições muito densas, com alto interesse para o investigador e erudito, mas muito cansativas para o público.

O estudo da Numismática entrou nos «currículos» universitários, em 1911, como cadeira semestral, graças ao esforço de J.L. de Vasconcellos (Vasconcellos, 1923).

A Contemporaneidade: fundações

A revolução da ciência Numismática, na área da exposição, deu-se, em Portugal, nos fins da década de sessenta, 1969, com a abertura ao público, do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian. A classificação rigorosa das moedas, o enquadramento geográfico relacionado com os centros emissores e o cuidado posto na exposição, o desenho do equipamento utilizado e, sobretudo, uma rigorosa selecção relacionada com o tema tratado serviu de bitola a tudo o que posteriormente foi feito em Portugal. Neste caso, os princípios orientadores que pautaram a exposição da colecção Numismática, ajustavam-se plenamente aos conceitos que orientaram a montagem do próprio Museu. É uma mostra pequena, notável pela sua qualidade. Paulatinamente, os catálogos de elevado rigor científico, foram sendo publicados. De início implicaram a colaboração de especialistas de renome mundial, nomeadamente de E. S. G. Robinson, e de K. Jenkins. Mais tarde, Mário Castro Hipólito elaborou o catálogo referente às moedas gregas de ouro, expostas (Robinson, 1971; Jenkins/Hipólito, 1989; Hipólito, 1998).

A Fundação Calouste Gulbenkian nunca abriu as suas colecções de moedas ao estudo de investigadores externos, salvo aos expressamente convidados. Os próprios escritos numismáticos elaborados e editados pela Fundação assumem esta política (Hipólito, 1988). Contudo, é justo salientar que o prévio programa de publicações foi rigorosamente cumprido. Por outro lado, esta Instituição não assumiu o papel de centro dinamizador na área da Numismática Grega. Relativamente a outras disciplinas, nomeadamente na área das Artes, a política traçada foi oposta e com resultados muito positivos.

Outra Instituição a considerar, nesta curta apresentação, é a Fundação Eng. António de Almeida Foi fundada em 1968, por testamento do Eng. António de Almeida e reconhecida por despacho ministerial de 5 de Maio de 1969. Iniciou o seu funcionamento em 1973. Expõe colecções de Arte, a par de uma considerável colecção de moedas, organizadas cronologicamente. Constituem-na 966 moedas quase todas de ouro. Foram dispostas por núcleos:

- Moedas gregas antigas, 54
- Moedas romanas republicanas e imperiais, 1+ 10+118
- Moedas bizantinas, 41
- Moedas francesas, 257
- Moedas portuguesas, 485

Relativamente à investigação Numismática, os projectos remetem-se exclusivamente ao estudo da própria colecção (Hipólito, 1977; Hipólito, 1980; Mota, 1994). Todavia, quanto à divulgação das colecções, incluindo a colecção de moedas, assiste-se à preocupação de organizar visitas guiadas individuais e em grupo que contribuem para o conhecimento da colecção. É de salientar o esforço da Fundação na área de formação de pessoal, relativamente na área de Museologia e de História de Arte. Conferências, encontros, debates são fomentados. Caracteriza-se, no essencial, por ser uma «Casa Aberta» ao debate e à Cultura.

Ainda no âmbito das fundações conta-se a acção do Museu do Papel Moeda. Foi instituído, nos anos 90, pela Fundação Cupertino de Miranda. Funciona no Porto, com espólio de 10,000 documentos. Como espólio, salienta-se os núcleos referentes às notas de banco emitidas pelo do Banco de Portugal para circular na metrópole, notas emitidas pelo Banco Nacional Ultramarino para circular nas ex-colónias, acções, cédulas, colecções de papel selado, lotarias, letras e cheques. A organização das colecções obedeceu a critérios temáticos.

A colecção é rica e de boa qualidade. Deve-se ao trabalho e esforço do Administrador, Dr. Alberto Correia de Almeida. Todavia, a metodologia de montagem, temática, torna-a densa e pouco clara. A área expositiva, onde se apresentam os vários núcleos, tornou-se pequena para o grande número de exemplares expostos e temas contemplados.

A grande novidade deste Museu está na possibilidade da consulta informática da colecção. Um sector anexo à exposição e um grande écran nos auditórios e nas salas polivalentes permitem uma fácil comunicabilidade. A vertente pedagógica do Museu, valorizando e divulgando o espólio, está intimamente ligada a uma rede de escolas da área Metropolitana do Porto. Apoiam o Museu e constituem serviços da Fundação auditórios, salas polivalentes e de exposições temporárias.

Os projectos de investigação da instituição não são, todavia, suficientemente agressivos. Como projecto editorial, salienta-se o esforço na área das colecções nomeadamente na edição da monografia «O Papel Fiduciário em Portugal» (Almeida, 1995).

Museus Locais

Outras categorias de museus -locais ou regionais - nomeadamente os museus de tutela municipal – demonstram, no decorrer das décadas de 80 e 90, grande agressividade e dinamismo no referente à exposição das , suas colecções numismáticas. Referimo-nos ao Museu Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), ao Museu Municipal de Santiago do Cacém, ao Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto e ao Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real.

Os dois primeiros, na apresentação, inspiram-se no modelo de exposição da Fundação Calouste Gulbenkian - expositor corrido, com tábua superior legendada. As moedas estão ordenadas cronologicamente e perfilam-se em alinhamentos ou grupos onde se completam séries exaustivas, dentro das possibilidades das respectivas colecções. Em Santiago do Cacém, no centro da sala, em sistema rotativo e temporário, mostram-se medalhas e outros exemplares afins das moedas.

Os projectos de investigação destas instituições não têm sido agressivos. Limitam-se a apoiar a iniciativa individual dos investigadores e têm despendido esforços no sentido de publicar os catálogos das respectivas colecções, nomeadamente da colecção romana e portuguesa. Todavia, em Santiago do Cacém alguns estudos monográficos vieram a público ou estão em curso (Pereira, 1993; Pereira e Silva, 2007).

Política diferente seguiu o de Numismática da Câmara Municipal do Porto e o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real. O Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto, formado a partir da colecção Allen, não quis perder a sua vertente inicial ligada à investigação. Organizou-se como centro de investigação e de dinamização da Numismática na cidade do Porto. Situa-se no centro da cidade.

Hoje está instalado no Palacete dos Viscondes de Balsemão, edifício de meados do Séc. XVIII, mandado construir pelo fidalgo José Álvaro Brandão.

O título genérico da exposição «A Moeda no Território Português» contempla o vasto período que decorre dos numismas hispânicos cunhados na Península Ibérica (Séc. III a.C. – Séc. I) até ao aparecimento do Euro.

A exposição é historicista e a Instituição distingue-se pelo elevado grau dos serviços educativos e pela meticulosa organização interna

nomeadamente dos seus serviços de inventariação e de conservação preventiva.

Considerando ainda os Museus de tutela Municipal, destaca-se o Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real de Trás-os-Montes. A acção do Padre João Parente, fundador do Museu, foi meritória. Ressalta o método de recolha, o rigor da exposição e a exemplaridade científica na organização do catálogo publicado (Parente, 1997).

A exposição desenvolve-se cronologicamente. Inicia-se pelas moedas gregas, percorre toda a época romana e encerra no período visigótico. O período romano constitui o fundo principal da colecção. Um catálogo cuidado acompanha a colecção. O rigor científico deste trabalho, torna-o de referência para o estudo da circulação monetária ao Norte do Douro. O registo da proveniência das peças, o estudo e a individualização dos tesouros monetários romanos tornam esta monografia de consulta obrigatória.

As Colecções Bancárias

Por sistema, em Portugal as colecções de moedas pertencentes aos bancos - públicos ou privados - são desconhecidas. Desconhecem-nas o público e os investigadores. Não é fácil o seu exame ou consulta. Não existem catálogos ou listagens suficientemente divulgados. As instituições não organizam exposições temporárias ou permanentes e, raramente, participam em eventos. Sabemos, contudo, que têm, nos últimos anos, investido adquirindo peças valiosas. Não têm, todavia, usado as colecções como vector e promotor da imagem comercial da própria instituição. Na área da investigação os contributos científicos não são assinaláveis. Exceptuam-se, naturalmente, os patrocínios e apoios financeiros concedidos a trabalhos científicos que envolvem investigadores ou instituições científicas creditadas.

É, contudo, pela análise dos eventos esporádicos que conhecemos a variedade e índole das colecções bancárias. Em 1982 a Sociedade Portuguesa de Numismática organizou, no Porto, um certame integrado no II Congresso Nacional de Numismática que decorreu na Casa do Infante (Sociedade Portuguesa de Numismática, 1982). A participação do Banco Nacional Ultramarino, da União de Bancos Portugueses, do Banco Português do Atlântico, coadjuvados pela Câmara Municipal do Porto e pela Sociedade Portuguesa de Numismática alargaram substancialmente a participação das instituições interessadas, dando um cunho ao certame já de «âmbito nacional». O objectivo da exposição foi claramente definido na introdução do catálogo. Cada participante elaborou o seu próprio plano expositivo. Deste modo, a coerência e a unidade do evento não foram plenamente conseguidos. O discurso expositivo tornou-se praticamente inexistente. A mostra funcionou positivamente como uma grande

exposição à volta de temas e colecções muito variados (Sociedade Portuguesa de Numismática, 1982).

Por iniciativa do Banco de Portugal, em 1998, e de parceria com Museus detentores de notáveis colecções numismáticas, nomeadamente o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu Numismático Português foi organizada uma grande exposição subordinada ao tema "O dinheiro no ocidente Peninsular: do antigo padrão ao euro". Decorreu no edifício do Banco de Portugal, sito na Avenida Almirante Reis em Lisboa. Este evento trouxe novidades no que se refere às técnicas de apresentação e de comunicação. A primeira inovação refere-se á organização, efectuada de parceria com várias entidades proprietárias de colecções. Esta modalidade permitiu o diálogo entre as diferentes tutelas. A segunda novidade, difícil de gerir, contemplou as diferentes normas estipuladas pelos vários proprietários relativamente à conservação preventiva. A terceira, referiu-se aos conceitos da exposição que cada entidade defendia para as suas colecções.

A exposição, na secção de Numismática Antiga, foi organizada tematicamente, contemplando assuntos relativos aos sistemas pré-monetários, à introdução da circulação monetária na península ibérica, à circulação monetária nos séculos II e I a.C. e também no séc. IV d.C., aos tesouros monetários e ao retrato imperial. Terminava com uma pequena mostra do numerário árabe. Os pesos pré-monetários, documentados por sistemas ponderais e por vários objectos de bronze foram distinguidos. Estes conjuntos metálicos, dado as condições dos respectivos achados, foram considerados tesouros. Simultaneamente, colocados a um nível expositivo superior, foram mostrados outros materiais arqueológicos, vidros e cerâmicas que circularam paralelamente à moeda. Gráficos e mapas completados por documentação escrita clarificavam a exposição. Infelizmente, não foi publicado catálogo. Experiências dinâmicas imediatas de comunicação não foram efectuadas, nomeadamente com as escolas e outros públicos. Outras secções de mesma exposição visavam as séries numismáticas portuguesas, os processos de cunhagem, as notas e o papel fiduciário, complementados, as duas últimas, pela exposição da respectiva maquinaria. Terminava abordando a problemática referente à introdução do «euro».

Foi recentemente totalmente remodelado, em especial, no referente à numismática antiga.

Museus Nacionais

Comentaremos, ainda que resumidamente, a acção de duas colecções nomeadamente a do Museu Nacional de Arqueologia e a do Museu Numismático Português.

É notável a colecção de moedas existente nos acervos do Museu Nacional de Arqueologia. Tiveram origem, na sua maioria, em escavações arqueológicas. Outros conjuntos monetários foram posteriormente doados ou até adquiridos. Constituem o acervo do Museu conjuntos e tesouros monetários que representam geograficamente todo o País e que incluem peças gregas, romanas, suevas, visigóticas, árabes e portuguesas. Não estão, no presente, expostas. Todavia, podem ser consultadas e estudadas. A instituição, sem projecto de investigação próprio na área de Numismática, está aberta a toda a colaboração com entidades ou cientistas. Investigadores, alunos e coleccionadores têm utilizado a colecção para fins científicos. É evidente que no futuro programa do Museu, em fase de projecto de obras de requalificação, a colecção de moedas desempenhará papel equivalente ao dos restantes núcleos e colecções.

Por seu lado, o Museu Numismático Português, criado pelo Decreto-Lei 22682, de 14 de Junho de 1933 e organizado ao abrigo do Decreto-Lei 34001 de 4 de Outubro de 1944, anexo à Casa da Moeda, não se encontra minimamente preparado para exercer as funções que legalmente lhe foram exigidas. Ao primitivo fundo, outros núcleos se foram juntando. Em 1863 foi criado o «Gabinete Numismático da Casa da Moeda». Depois, foi enriquecido com o Gabinete de Numismática do Palácio Nacional da Ajuda (colecção D. Luís). Ao longo dos anos as sucessivas administrações foram adquirindo numismas no sentido de completar séries e dignificar o conjunto.

Embora o elenco legal de 1933 tenha conferido um papel importante ao Museu na gestão dos núcleos numismáticos nacionais, afirmando nomeadamente que «as colecções numismáticas pertencentes a outros estabelecimentos do Estado deveriam ser oportunamente entregues ao Museu Numismático Português», esta instituição não se empenhou por cumprir e por exigir a aplicação da Lei.

Por outro lado, nunca apresentou projectos de investigação convincentes. Não mobilizou cientistas e investigadores e nunca promoveu debates sobre a problemática da ciência numismática em Portugal. A decadência instalara-se. A colecção não está acessível ao público. Refira-se, com justeza, a publicação do magnífico catálogo referente às moedas portuguesas concebido e elaborado por um seu prestigiado técnico (Amaral, 1977, 1984). Concluimos que, por falta de dinamização interna, o Museu não cativou públicos, não incentivou investigadores e isolou-se, não intervindo na definição metodológica relativa aos estudos numismáticos e não participando na discussão nacional e internacional referente às diversas áreas numismáticas.

Conclusões

Verificamos que, no século XIX, a grande preocupação relativamente aos projectos de investigação foi o de obter uma classificação segura das moedas, seriando-as de modo a formar conjuntos completos. A exposição, por seu lado, reflectia as mesmas preocupações. No sentido de tornar a mostra clara as moedas foram ordenadas cronologicamente e por séries. Nas primeiras décadas do século XX, a actuação e o pensamento dos responsáveis pelas colecções não se afastam das do século anterior. Todavia, a noção educativa das colecções numismáticas foi substancialmente vincada.

Na contemporaneidade não se viveu, todavia, o progresso verificado em outras áreas, nomeadamente na área da Museologia, da Arte e da Arqueologia. As colecções numismáticas não acompanharam, no geral, os progressos ensaiados quer no referente às exposições quer relativamente à investigação quer, ainda, quanto à divulgação. Algumas excepções são, contudo, dignas de nota. Salienta-se, na área da investigação, o empenho do Museu Monográfico de Conímbriga. Investiu no sentido de promover a publicação das moedas provenientes das escavações Luso-Francesas, utilizando a metodologia adequada e tentando dar respostas às novas problemáticas surgidas relativamente ao estudo da circulação monetária (Pereira/Bost/Hiernard, 1974). Na exposição, as moedas exibidas separadamente, com óptima visibilidade e rigor, são tratadas como objectos arqueológicos, segundo o programa geral do Museu.

As colecções bancárias, distantes do público e sem catálogos consultáveis, não responderam aos requisitos enunciados pelo ICOM, no sentido de se transformarem em "Museus". Faça-se, contudo, excepção ao Banco de Portugal. Desde 1998, tem desenvolvido um esforço, muito positivo, para suprimir esta lacuna, organizando eventos e visitas.

Os Museus locais, com grande destaque nomeadamente para o Museu de Vila Real, para o Gabinete de Numismática da Câmara do Porto, para o Museu Municipal dr. Santos Rocha e para o Museu Municipal da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, têm despendido esforços para expor, divulgar e investigar as suas colecções de moedas. Com maiores ou menores constrangimentos os objectivos têm sido cumpridos.

Relativamente à acção dos Museus Nacionais muito pouco de positivo há a registar. Anota-se, contudo, a abertura mostrada pela direcção do Museu Nacional de Arqueologia no sentido de abrir as suas colecções aos trabalhos de investigação e de permitir que os seus espólios enriqueçam exposições ainda que organizadas por outras entidades.

As crises sucessivas ocorridas no Museu Numismático Português, agravaram-se quando do processo de reestruturação da Imprensa Nacional - Casa da Moeda. A instabilidade e incerteza atingiram o Museu.

Em 1996, a resolução Governamental 22/99 (D.G. II série, 16 de Março) nomeou uma comissão com a finalidade de «coordenar a criação do novo Museu, definindo, designadamente, o modelo institucional e organizativo a adoptar, bem como as colecções e as espécies numismáticas e medalhísticas que ficarão sob a sua administração, com contrapartida em cedências a efectuar pela INCM (Imprensa Nacional - Casa da Moeda) e, eventualmente, por outras entidades, nos termos que vierem a ser estabelecidos».

Finalmente, parece-nos que o grande défice, em Portugal, ocorre na área da investigação numismática e resulta da inadequada metodologia até agora utilizada (Centeno, 1993). A mera descrição dos exemplares raros ressalta sobre outras metodologias que visem estudos de maior folgo, nomeadamente de metrologia, de circulação e de técnicas de cunhagem, etc.

A Sociedade Portuguesa de Numismática, com linha editorial própria, através da revista «Nummus» e da sua biblioteca, tem vindo a desempenhar um papel importante na divulgação e estudo da ciência Numismática (Centeno, 1993).

All images have been removed for copyright purposes.

BIBLIOGRAFIA

Almeida 1955

ALMEIDA, A. Correia de, *O Papel Fiduciário em Portugal*, (Porto, 1955)

Amaral 1977, 1984

AMARAL, C. M. Almeida do, *Catálogo descritivo das Moedas Portuguesas*, (Lisboa, 1977, 1984), (Museu Numismático Português)

Centeno 1993

CENTENO, R. M. S, «A Numismática Antiga: um balanço da investigação em Portugal», em *Acta Numismática*, 21-23, (1993), pp.63-75

Jenkins/Hipólito ,1989

JENKINS, K., HIPOLITO, M. C, *A Catalogue of the Calouste Gulbenkian Collection of Greek Coins, Part II, Greece to East*, (Lisboa, 1989)

Hipólito 1971

HIPOLITO, M. C, *Museu Eng. António de Almeida: Coleção Numismática*, (Porto, 1971)

Hipólito 1980

HIPOLITO, M. C, *Coleção Numismática da Fundação Eng. António de Almeida: notícia e apresentação sumária*, (Porto, 1980)

Hipólito 1998

HIPOLITO, M. C, *Ancient Greek Coins: Gold*, (Lisboa, 1998)

Mota 1994

MOTA V. Silva, *Museu Eng. António de Almeida: catálogo da*

coleção de Numismática, I e II, (Porto, 1994)

Parente 1997

PARENTE, J, *Museu de Vila Real: Moedas*, I, (Vila Real, 1997)

Pereira/Bost/Hiernard 1974

PEREIRA, I.; BOST J.P.;HIENARD, J., *Les monnaies, Fouilles de Conimbriga III*, (Paris, 1974)

Pereira 1993 .

PEREIRA, I., «Tesouro da Morte dos Cavaleiros. Algarve», em *Acta Numismática*, 21-23, (1993), pp.303-314.

Pereira 1997

PEREIRA I., *Santos Rocha e a Arqueologia do Algarve. Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, (Lisboa, IPPAR, 1997), pp.4S-S7.

Pereira 1999

PEREIRA I., «Museus e Coleções de Arqueologia: conceitos e programas», em *O Arqueólogo Português*, série IV, 17, (1999), pp.29-40.

Pereira e Silva 2007

PEREIRA, Isabel e SILVA, TEÓFILO, *Moedas Romanas do Museu Municipal de Santiago do Cacém*, (Santiago do Cacém, 2007).

Robinson 1971

ROBINSON, E.S.G., *A Catalogue of the Calouste Gulbenkian Collection of Greek Coins, Part I, Italy, Sicily, Carthage*, (Lisboa, 1971). Com a colaboração de M. Castro Hipólito.

Santos 1997

SANTOS, M.L.E. de VA. dos. Estácio da Veiga, *A Carta Arqueológica e o Museu do Algarve, Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, (Lisboa, IPPAR, 1997), pp.21-43.

Sociedade portuguesa de Numismática 1982

SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA, *Catálogo da 1ª Exposição Nacional de Numismática: Casa do Infante 26 de Junho a 4 de Julho*, (Porto, 1982)

Vasconcelos 1982

VASCONCELOS, F. de, *Do Medalheiro do Museu Allen ao Gabinete de Numismática da*

Câmara Municipal do Porto, Catálogo da 1ª Exposição Nacional de Numismática: Casa do Infante 26 de Junho a 4 de Julho, (Porto, 1982), pp.2-2S.

Vasconcelos 1923

VASCONCELLOS, J. Leite de, *Da Numismática em Portugal*, Arquivo da Universidade de Lisboa, (Lisboa, 1923), p.261.

Viana 1970

VIANA, M. T. da Costa Pereira, *Os Museus do Porto no Século XIX: subsídios para o estudo da Museologia em Portugal*, (Lisboa, 1970), pp.4-51. (Dissertação apresentada ao curso de conservador de Museu, policopiada)